



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25
Telefone 82431 BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Índias
Ano, 50\$00 e 160\$00 — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

Composição e Impressão: Companhia Editora do Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 20 DE MARÇO DE 1965

VISADO PELA CENSURA

«O BARCELENSE» em Rádio Renascença

Mais uma vez Rádio Renascença transmitiu, quase na íntegra, um artigo publicado no nosso jornal, fazendo anteceder a leitura de palavras amáveis para a persistente acção de «O BARCELENSE» em favor dos interesses de Barcelos.

Trata-se do artigo «Pensamentos de Verdade» inserido no número de 6 de Março corrente e em que se prestava justíssima homenagem ao grande propulsor dos progressos da nossa terra, Sr. João Duarte.

A Emissora Católica Portuguesa, fundada e dirigida por um ilustre barcelense, Monsenhor Lopes da Cruz, acompanha sempre com manifesta simpatia tudo quanto a Barcelos e aos homens bons da nossa terra diz respeito.

Os nossos agradecimentos a Rádio Renascença e ao seu digníssimo Director.

Aziúmes dum homem de mau humor

Por Falcão Machado

Embora o mais importante problema, humano e social, seja a produção de alimentos, sem os quais, nem indivíduos nem colectividades subsistem e perduram, o problema, aparentemente, mais importante, hoje, é o da habitação.

É a luta pela casa.

Por mais que os governantes façam, tanto ao nível nacional, como ao nível autárquico, o problema parece não ter solução — pelo menos, a solução equilibrada, justa, harmónica, que perdure longos anos sem provocar novas crises.

Creio que entram em jogo, aqui, causas importantes.

Deixemos em paz o historiador que dirá que o problema da habitação é remoto: desde que o homem se instalou na gruta pré-histórica, até que passou à casa castreja das citânias, à villa romana, à estreita casa do burgo medieval, a que Man-

(Continua na página seis)

Mário Campos Henriques

Na próxima sexta-feira comemora mais um aniversário o importante industrial da nossa cidade, Sr. Mário Campos Henriques, Presidente do Conselho de Administração da Fábrica de Malhas Tebe, uma das maiores fábricas do país e da península, verdadeiro valor nacional, centro fabril onde milhares de operários ganham o sustento para centenas de famílias.

Ao nosso ilustre amigo, Sr. Mário Campos Henriques queremos expressar-lhe os mais ardentes votos de felicitações pela data que comemora no dia 25 do corrente, augurando-lhe muitos mais anos de vida, na companhia de sua dedicada Esposa e restantes Familiares. São estes os votos do Jornal «O BARCELENSE» que tem no Sr. Mário Campos Henriques um



amigo sempre pronto a colaborar nas suas iniciativas.

ITE MISSA EST

Por Ercília L. M.

«Ide em paz, e que o Senhor vos acompanhe!» Foi com estas palavras de conforto e paz, que em todas as línguas, por todo o orbe católico, em todas as igrejas e capelas, no primeiro domingo da quaresma, o mais augusto acto da liturgia da Igreja, «acto principal do culto divino, ponto culminante e centro da religião cristã», verdadeiramente se integrou na alma dos crentes, com a substância espiritual que encerra e irradia. Com efeito, para amar é preciso conhecer, diz um velho adágio. Ninguém pode amar o que não conhece.

É a Missa — essa maravilhosa expressão do amor de Cristo para com os homens: «ficarei convosco até à consumação dos séculos» — era desconhecida para a maior parte. Ia-se à missa por hábito, por rotina, por medo ao pecado, ou por mero passatempo... Quanto mais depressa acabasse, melhor... Fórmulas, só fórmulas desconhecidas de sentido, num puro ritual de espectáculo para espec-

tadores curiosos ou simplesmente presentes, mas desinteressados, não deixaram que chegasse até nós o alimento espiritual criado para as almas famintas e sequiosas de Verdade e Fé na graça divina. Rezava-se muito, mas rezava-se mal e ignorava-se quase todo o significado da Liturgia e o conteúdo essencial da oração.

Abrem-se hoje novas perspectivas para a humanidade redimida, através da oração. «Orar é aproximar-se de Deus — falar com Deus — ir ao encontro de Deus com os passos tímidos dum criança».

Deus como absoluto está distante de nós: infinitamente distante. Mas como Cristo, Deus está em nós, pode fazer parte de nós. E a Missa é tudo isso. É a nossa alma, é todo o nosso ser profundamente abismado no mistério. É a nossa inteligência, a nossa pobre inteligência humana para quem, muito para quem do que não alcança...

É um Deus feito homem que vem até nós — «quem puder entender que entenda...» — no mistério mais assombroso que o mundo conhece, e para o qual — quer queiram quer não — todo o homem tende.

É ainda a memória dum drama. Esse drama cruento do Calvário. To-

(Continua na página seis)

D. Francisco Maria da Silva Venerando Arcebispo Primaz visitou Arcozelo

Como noticiamos no último número realizou-se ontem o lançamento da primeira pedra, para a nova igreja de Arcozelo, progressiva freguesia do nosso concelho que é pastoreada pelo inteligente sacerdote Sr. Padre Carlos Seara. Devido ao adiantado da hora não nos é possível dar o relato desta cerimónia o que faremos no próximo número.

Amanhã efectua-se o cortejo de material, que tem o seu início no Campo 28 de Maio, dirigindo-se os carros para o recinto da nova igreja, onde haverá um animado leilão.

Ao bom povo de Arcozelo os nossos parabéns pela grande obra que vão realizar.

Pensamentos de Verdade

Impressões de Minha Terra

E como iam dizendo, muita satisfação me causou, aquela visita de maravilhoso Outono, o notabilíssimo progresso social e industrial que encontrei, fulcro de bem-estar financeiro na vida doméstica e de relativo conforto.

Foi esta a melhor e mais viva impressão que me ficou nos sentidos e na alma.

Quanto ao mais, também me regalei de matar saudades por todo o canto e por todo lado, sempre com a medida da comparação em actividade, a confrontar as coisas de agora com as de antanho.

E afinal, de novo, muito pouco ou quase nada; de velho, quase tudo porque a vida de iniciativas, arrojadas ou não, aparece morna e apática, sem grande interesse pela coisa pública, sem o espírito de criação e renovação, num rume monótono que faz dó aos antigos como eu, que desejaríamos Barcelos num franco e desempeirado progresso, em toda a linha e em todas as frentes, a bem da modesta população que habito talvez sem pretensões de maior.

Estas pretensões de audácia, a fazerem crescer Barcelos, deveriam, sim, viver cada vez mais nos senhores da alta moeda e nas autoridades administrativas locais.

É de notar que, batendo-se todos, dinamicamente e em concreto, pelo engrandecimento de Barcelos, desembainham a espada pela Pátria num dos seus torres mais ricos e mimosos em história e beleza, em turismo de que tanto se fala. Ou não fosse ela de nascença, a Princesinha bem fadada, a todo o momento beijada e meigamente fagada pelas carícias dum Cávado convidativo e benfazejo, plácido amigo de águas cristalinas. Batendo-se por esta Princesa de romance e cor, apenas cumprem com o seu dever pátrio, e este não se contabiliza entre nós como

oviu-se há bem pouco em palavra de ordem.

Engrandecer Barcelos em toda a linha e em todas as frentes! Deveria ser o timbre de glória de todos os barcelenses e amigos desta terra abençoada, a exemplo de quantos se têm devotado com afinco ao bem da terra e seu povo! porque um exemplo ao perto e ao longe, tendo-se em mente o dito do filósofo helénico como reactor de energia estimulante: «se aquele porque não eu?»

A propósito da expressão «terra abençoada», vem-me ao pensamento aquela frase do nosso distinto escritor e poeta de Ponte do Lima, já célebre folclorista,

(Continua na página seis)

Daquela Janela...

Escolhia Barcelos...

O Sr. Dr. Pedro Homem de Melo — poeta — que apresenta na TV a rubrica Folclore, numa das suas últimas interessantes «conversas», aquando da actuação do Rancho de Santa Marta de Portuzelo, ao disretando sobre a interpretação da «Varsina de Barcelos», por aquele conhecidíssimo conjunto artístico, que tanto tem honrado o nosso País nas suas constantes digressões ao Estrangeiro, afirmou que, sem o rigorismo das suas afirmações, a dança que is ser interpretada era da cidade de Barcelos, terra que, se pudesse, escolheria para viver e morrer. Não conhecemos o Sr. Dr. Pedro Homem de Melo mas a afirmação com que, distinguindo a nossa terra, deu testemunho da simpatia que nutre por esta «linda pérola deste lindo Minho», levá-nos a testemunhar-lhe o nosso agradecimento.

Museu Arqueológico

Quando no último domingo visitamos o Museu Arqueológico ficamos agradavelmente surpreendidos, verificando que o nosso reparo, sobre o abandono em que estava votado, tinha merecido a atenção dos serviços da nossa Exma. Câmara. Os esforços de alguns Barcelenses em reunir o

(Continua na página seis)

«Um Esclarecimento»

Serviços Médico-Sociais

«O «Jornal de Barcelos» no seu n.º 779 publica um «esclarecimento» da autoria do Sr. Dr. Mário Queirós que não podia ficar sem reparo pelas «insinuações» nele contidas.

Começa o Sr. Dr. Queirós: «Porque o referido Jornal é... e porque os dirigentes e colaboradores do «Jornal de Barcelos» são verdadeiros Homens, probos, verticais, honrados, daqueles que sabem ganhar o pão, «apenas com o suor do seu rosto...»

Confessamos que não sabemos o que tem a ver o «Jornal de Barcelos», seus dirigentes e colaboradores, com os Serviços Médico-Sociais. Estas divagações, a que o Sr. Dr. Queirós é muito dado, levam-nos à conclusão de que ele não é dirigente nem colaborador desse Jornal, porque de contrário a coisa é muito discutível...

Continuando, o Sr. Dr. Queirós diz: «pela consideração e estima que nos merecem OS VOSSOS leitores e assinantes — a quase totalidade deste bom povo barcelense — eu quero...». Sem dúvida, o ilustre clínico está muito amável para com «o bom povo barcelense», pelo qual diz ter muita consideração e estima.

Essa é boa: a «quase totalidade do bom povo barcelense»!

Se considerarmos que o número de assinantes do nosso colega é um milhar, cremos que não vai muito longe mais, que dizer de tal afirmação?

Enfim, não é despropositado lembrar e em referência às divagações do Sr. Dr. Queirós, que a primeira censura aquilo que se pretende trazer a público através da imprensa, é feita pelos respectivos directores. Da nossa parte, queremos dizer-lhe que quando os escritos apenas servem para revelar a falta de cortesia de quem os subcreve, ou simples forma de adulação de quem até ras-teja para conseguir os seus fins, ficam retidos na redacção, sejam quais forem as influências que se movam.

Esta era e continua a ser a conduta de quem dirige «O BARCELENSE», como bem sabe o Sr. Dr. Viana de Queirós — experiência própria...

Referindo-nos ao novo edifício para os Serviços Médico-Sociais, desta cidade, problema que TAMBÉM ABORDA o Sr. Dr. Queirós no seu despropositado esclareci-

(Continua na página seis)

NOTAS DA SEMANA

VALORES BARCELENSES

É costume indicar-se nos roteiros o que há digno de visita e de apreço, quicá de estudo. No roteiro da nossa Terra quase apetece acrescentar o que nos falta e a que, humana e socialmente, também temos direito. O que nos falta excede de longe o que temos, não obstante o bucolismo encantador do nosso meio, a riqueza atraente do nosso folclore e a fama do artesanato barcelense, mundialmente apreciado. Dons da natureza e expressões de valores inatos, transmitidos de geração em geração, em sequência de assimilação milenária recebida de povos evoluídos, que passaram por estas terras e por aqui deixaram o seu génio, os seus sentimentos e costumes, a sua língua e a sua arte. O nosso povo nasce artista. O que faria se cultivasse esta sua propensão natural? É por isso consolador e auspicioso ver o êxito já obtido, mesmo com alunos de mim conhecidos e que julgava avessos à arte, na aula de desenho

da Escola Industrial de Barcelos, que deve ser melhor conhecida, para melhor apreciada.

Mas, se algo temos, muito nos falta. Não temos liceu, teatro, hotel, de nada dispondo que permita a permanência, ainda que só por uns dias, do visitante, sabido, como é, ser de alto interesse o turismo, aqui com motivos de sobejo. Não temos sequer onde fixar os próprios barcelenses. Falta-nos, apesar do que inconscientemente se diz, ocupação para o trabalho masculino, um dos problemas mais aflitivos de Barcelos, e que, inevitavelmente, é um dos óbices ao seu progresso e à sua expansão, obrigando os próprios filhos a procurar vida noutras terras. Problema gravíssimo, que só não entendem os insensíveis ou quem não tem filhos. Entre as poucas instituições barcelenses, de interesse social, nota-se essa reliquia — que de reliquia não passa — o Circulo Católico de Operá-

(Continua na página 8)

Amanhã é Domingo

NOTAS DA SEMANA MAR E CÉU

(Continuação da página 1)

Secção dirigida por P. ARTUR

Valores Barcelenses

Pensamento: — «A verdade não se ofende só quando se combate; melindra-se também quando se diminui, e atraiçoa-se quando se cala».

Dia 21 de Março — 3.º Dom. da Quaresma Missa própria (sem Glória), Credo e Pref. da Quaresma. Paramentos roxos.

EVANGELHO
(S. Lucas, XI, 14-28)

Naquele tempo, Jesus expulsou o demónio dum homem mudo. Quando o demónio saiu, o mudo começou a falar, causando grande admiração às multidões.

Alguns, porém, começaram a dizer: «É por Belzebú, príncipe dos demónios, que Ele expulsa os demónios». Outros, para O experimentarem, pediam um prodígio, vindo do Céu.

Mas Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse-lhe: «Todo o reino, dividido contra si mesmo, será arruinado e as casas cairão umas sobre as outras. Se é em nome de Belzebú que Eu expulso os demónios, como dizeis, Satanás está dividido contra si próprio! Como é, então, que o seu reino continua a manter-se? Se Eu expulso demónios em nome de Belzebú, em nome de quem os expulsam os vossos filhos? Neste ponto, eles serão vossos juizes! Mas, se Eu expulso os demónios pelo poder de Deus, é sinal de que o Reino de Deus já está entre vós.

Quando um homem forte e bem armado guarda a sua casa, tudo o que lhe pertence está seguro. Mas, se surgir ainda mais forte, tira-lhe as armas em que confia, vence-o, e reparte os seus haveres.

Quem não é por mim, é contra mim; e quem não junta comigo, dispersa.

Quando o demónio sai dum homem, anda a vaguear pelos desertos à procura de repouso. Não o encontrando, diz: «Voltarei para minha casa, para o lugar donde saí». Quando chega, encontra-a varrida e ornamentada. Então, vai buscar mais sete espíritos ainda piores, entra, e instalam-se. Assim, o último estado deste homem é pior do que o primeiro».

Estando Jesus a falar deste modo, uma mulher, do meio da multidão, levantou a voz e disse-lhe:

«Feliz o ventre que Te trouxe e os seios que Te alimentaram!» Mas Jesus respondeu: «Ainda mais felizes são os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática!»

REFLEXÃO

Os fariseus, sem escrúpulos, caluniam o divino Mestre acusando-O de operar os seus Milagres com o auxílio do Demónio!

Também nós — estejamos certos disso — havemos de ser caluniados de mil maneiras... Se, porém, a nossa intenção for sempre recta, quando assim nos caluniarem, está Deus a absolver-nos. A calúnia que sai da tua boca — diz um provérbio chinês — é como quatro cavalos desenfreados que dificilmente se dominam. O que disseste ao ouvido de um amigo, correrá depois em voz alta. E, quando quiseres limpar a nódoa que puseste na honra daquela pessoa, daquela instituição, não o conseguirás.

A calúnia, a murmuração, sempre deixa rasto, ainda que, para nos desculparmos, lhe chamemos simplesmente crítica. A calúnia é a mentira a campear velozmente. Como será um dia terrivelmente castigada! Sim, se o roubado tem de se restituir para ser perdoado, que dizer da calúnia? Ou, porventura, pesará mais o vil metal do que a honra humana?

Senhor, que nunca passe pela minha mente, levantar uma calúnia a quem quer que seja...

Um aviso ainda do Salvador: Al daquele que, depois de ter fechado a porta do seu coração ao demónio, lhe tornar a abrir, porque a sua nova condição tornar-se-ia terrivelmente pior do que a anterior!...

Fluemo-nos com este aviso e, em seguida a uma boa Confissão que

tenhamos a felicidade de fazer redobrados de esforços e de súplica ao Senhor para que o demónio não mais tenha entrada na nossa alma. Caso contrário, a nossa desgraça será bem maior.

— E agradeçamos também ao Senhor o conselho final: — «Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática». Pô-la em prática, i. c. fazê-la germinar, crescer e dar frutos de vida eterna.

Ao contrário do que afirmam e ensinam certos irmãos nossos em Cristo, nós defendemos, baseados na S. Escritura, que «a fé sem obras é morta»... que é pelas obras que havemos de ser julgados... que Deus dará a cada um, segundo as suas obras, o prémio ou o castigo eterno.

«Vinde benditos de Meu Pai, porque tive fome e deste-me de comer... Retirai-vos, malditos, porque não Me destes de comer, nem de beber, nem Me vestistes, nem Me visitastes...»

Que a nossa vida seja um contínuo crescer de boas obras — até para que o mundo mau e descrente acredite na nossa fé e na nossa sinceridade.

FAZEM ANOS

Amanhã, domingo, completa mais um ano o nosso prezado amigo Sr. Filipe das Dores Costa, Conceituado negociante da nossa praça.

Ao estimado amigo e a sua esposa, a continuação de muitos anos mais. — Por completar 78 anos no dia 21 do corrente enviamos as nossas felicitações ao velho assinante de «O Barcelense», Sr. António José da Silva, proprietário na vizinha freguesia de Salvador do Campo.

— No dia 23 já terá 7 anos a menina Maria José Vale Frias Fiuza, simpática filhinha do nosso estimado amigo, Sr. José Maria Fiuza.

Muitos parabéns à aniversariante e seus pais.

— Efusivas felicitações para o industrial Sr. Manuel Gonçalves de Castro, proprietário da Garagem Castro, pois quarta-feira comemorará o seu aniversário.

Muitos anos mais são os nossos votos.

«DIA DE TRABALHO»

Neste ano de 65 celebra a J. O. C. o seu XXX ano de existência. Fazer a história 30 anos, é recordar todas as lutas e esforços do Movimento Jocista pela promoção e salvação da juventude trabalhadora. Que, na verdade, esta tarefa a que a J. O. C. se entregou não tem sido fácil, mas, pelo contrário, bem árdua e corajosa.

Aproxima-se o «Dia do Trabalho», em que os jocistas e muitos jovens trabalhadores entregam à J. O. C., e por ela à juventude trabalhadora, o seu dia inteiro, o que significa: as suas penas e as suas alegrias, as suas lutas e os seus sacrifícios e, com elas, o seu salário desse dia. Vimos pedir-te que, também tu, colabores assim na contrução do Movimento Jocista.

Em cada ano, o «Dia de Trabalho» tem tido um objectivo concreto. Nos últimos anos, foi possível, sucessivamente, que um Dirigente Nacional fosse a Angola, Moçambique, S. Tomé e Guiné, levar um novo impulso à J. O. C. ultramarina; depois, que as Secções das Ilhas — Açores e Madeira — fossem igualmente visitadas por um Delegado da Direcção-Geral; e ainda que duas dioceses do sul tivessem um Permanente livre. Felizmente, os resultados destes esforços são já bem sensíveis.

O «Dia de Trabalho» deste XXX aniversário da J. O. C. destina-se à expansão do Movimento nas dioceses de Braga e Bragança, Guarda e Portalegre, Castelo Branco e Algarve, a qual não será sem Permanentes livres.

A J. O. C. sabe que não lhe negará a tua indispensável colaboração

rios, que esta semana, no dia de São José, contou mais um ano de existência. Instituição ainda há pouco operosa, pela qual passaram gerações de barcelenses, que ao Circulo ficaram a dever muito do que foram e, felizmente para bastantes, muito do que ainda são. É barbaridade intolerável a pretensa afirmação de ter passado a hora do Circulo. Seria quase o mesmo que dizer que passou a hora do cristianismo. O trabalhador cristão, hoje mais do que nunca, é necessidade premente. Será ele e quase só ele o catalisador do equilibrio social, consciente dos seus deveres, nesta época desenfreada, em que só se reclamam direitos e que corre o risco de só cometer atropelos. O Circulo ainda hoje é uma necessidade; os cristãos não estão nem jamais estarão de costas voltadas à vida. O mal do Circulo é apenas o mal de Barcelos. Falta-nos homens dedicados pelo bem comum, carência agravada pelo fenómeno doentio e muito vulgar: se o cargo não rende, fica para os outros e todos se escusam; se rende ou dá relevo, então é invariavelmente destinado a afilhado, sabe Deus quantas vezes em que condições. O Circulo foi e ainda pode ser grande. É questão de encontrar o seu homem, capaz de continuar com dedicação a obra do grande Padre Lamela, fundador do Circulo, seu assistente e director, cumulando, quantas vezes, as funções de professor e cartorário, sem vacilar, se as circunstâncias lho exigissem, até fazer de contínuo. O Padre Bonifácio Lamela, uma vida gasta no Circulo, ao serviço dos barcelenses. Homem atento às realidades do seu tempo, esteve sempre onde os seus deveres o chamaram. E nunca, em caso algum ou em qualquer circunstância, comprometeu a sua consciência ou traiu a sua obrigação. Filho de família abastada, é entre os humildes que se encontra bem. Nascido rico, mais rico o fizeram para garantia familiar, mas afinal hoje é o mais pobre dos irmãos. Onde empobreceu, ele que consigo próprio dispndia o mínimo? Todos o sabem, no Circulo e com muitos dos que por lá passaram. E com outros. Sempre contudo discretamente, para não diminuir ou envergonhar os beneficiados, para não estimular vaidades, que nunca conheceu. Abencerragem do franciscanismo autêntico, agora por vezes com interpretações diferentes, em contraste evidente com o materialismo socializante, teve o condão de evitar a presença e o convívio de fariseus, que da lei e das oportunidades apenas procuram os benefícios, e nunca esquecendo as realidades, sempre procurou que a vida fosse espelho vivo da doutrinação. Apóstolo

desta nossa época, dinâmica, ilustrada, insatisfeita, com que urge sincronizar-nos, igualmente pela acção, dado o conceito hodierno de que a existência é movimento. Creio ter sido Almeida Garret quem escreveu que o Padre António Vieira falava de Deus com os olhos nos homens, e que o Padre Manuel Bernardes falava dos homens com os olhos em Deus. Do mesmo modo, todos convimos em que o Padre Bonifácio Lamela actuou junto dos homens com os olhos em Deus. Aqui, o motivo da estima geral por esta veneranda figura de sacerdote, cujo exemplo bom é que seja continuado para honra e para bem de todos.

Mário da Gama

É sempre aborrecido o aparecimento de gralhas, mas elas surgem e o remédio é rectificar. As nossas desculpas ao ilustre poeta, escritor e musicógrafo, Sr. Capitão António Cândido Ferreira.

Na poesia com este título, a pontuação saiu gralhada em alguns pontos mas os leitores terão compreendido, certamente, essas faltas causadas na tipografia.

Na 6.ª linha em vez de «grande gaiivota» deve ler-se «branca gaiivota».

Na 21.ª, em vez de «para lutar pela vida», «para a luta pela vida».

Depois das reticências: 2.ª linha em vez de «é dirigido», «és dirigido».

Na 2.ª a contar do fim, «trasbordando» em vez de «trasbordante».

ALTO-FALANTES CASA SOUCASAUX

Telefone 82343
Instalações Eléctricas
em todos os géneros

E
Grupos Electro-Bombas
BARCELOS

Motores a petróleo italianos LOMBARDINI

de 4—7,5 e 9 HP

Os mais económicos e resistentes que andam no mercado

Não vos esqueçais de comprar um motor

LOMBARDINI

Agentes exclusivos no País:

CORRÊA & CARDOSO

Telefone 82442

BARCELOS

CAMISAS CUECAS CAMISETAS PIJAMAS

Confecções «Barcélia»

Telefone 82784

Rua D. Diogo Pinheiro, 43
Campo Camilo Castelo Branco

BARCELOS

(PORTUGAL)

CASA CUNHA

Telefone 82645

DE — Félix Luís da Cunha

CAMPO DA FEIRA — BARCELOS

Vende aos melhores preços toda a qualidade de calçados

(NÃO COMPRE SEM CONSULTAR ESTA CASA)

RÁDIOS E TELEVISORES — FOGÕES A GÁS, Nacionais e Estrangeiros — AQUECEDORES ELÉCTRICOS

GRANDE SORTIDO DE CANDEEIROS

NÃO COMPREM SEM CONSULTAR PREÇOS E QUALIDADE

No estabelecimento de

ARMINDO SILVA

(ao lado do Senhor da Cruz)

Telef. 82708

BARCELOS

DEPARTAMENTO DE COMPRAS:

Rua Padre Avelino da Assunção, 149

ERMEZINDE—Telefone 970132

ARMAZÉNS:

Rua Mariano Machado, 100 a 106

NOVA LISBOA

J. SANTOS MESQUITA & C.ª, L.ª DA

ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO

Viajantes cobrindo toda a Província de Angola

EXPORTAÇÃO

END. TELEG.: «JAMES»

TELEFONE N.º 231

NOVA LISBOA

CAIXA POSTAL N.º 1777

R. MARIANO MACHADO

O PÃO DE LÓ e os DOCES da PASTELARIA ARANTES têm sido todos os anos considerados os melhores.

O Barcelense Desportivo

Abertura

O Campeonato Distrital está praticamente terminado para o Gil Vicente e poder-se-á já considerar o grupo barcelense campeão Distrital, com todo o mérito mercê de convincentes exibições não só lhe deram a vitória mas o cotaram como uma equipa de real valor.

E, assim, o grupo de Eduardo plenamente merecedor de elogios, porque lutando muitas vezes contra o azar, azar de jogadores doentes, azar nas arbitragens, conseguiu rodear-se de jogadores voluntariosos que no momento de chamada reagiram e surgiram plenos de força a vencer e convencer. Pena foi que esse ânimo não perdurasse em todos os desafios, não considerassem que em futebol há grupos fáceis, e o campeonato teria outro sabor pela margem de pontos que o Gil Vicente ficaria distanciado do 2.º classificado.

Contudo, um louvor ao Gil Vicente, virtual vencedor do Regional da I Divisão de Braga, a uma jornada do final.

FUTEBOL

GIL VICENTE, 4 — LIMIANOS, 0

Os quatro golos de vantagem do Gil Vicente frente ao Limianos veio mostrar que o jogo da primeira mão, em que vencemos por uma bola de diferença, em Ponte do Lima, não passou de um esforço balista do Limianos que, no seu terreno, lutou e esforçou-se por vencer, o que não conseguiu por atrapalhado dos seus jogadores frente às balizas gillistas. Mas o score de agora poderia ter subido bastante se o árbitro, mesmo os jogadores do Limianos e a avançada gillista cumprissem como deveriam. Expliquemos:

O Sr. Arbitro foi uma constante negação do valor das arbitragens no Distrito de Braga e deu-nos a impressão que sabia mais gesticular do que as regras de jogo. Dos seus pares não podemos dizer nada porque se portaram menos mal enquanto estiveram no terreno de jogo. O Sr. Camarinha, aquele que arbitrou o célebre jogo de Espesinde-Riopele fez das suas junto das cabines, lembrou-nos até um episódio grotesco de Espesinde que o Sr. Camarinha ainda se deve recordar. O resultado do seu mau figado foi terem aplicado um mês de suspensão ao correcto treinador Eduardo, somente porque, e isto é que é incrível, disse para uns jornalistas presentes que o árbitro devia tirar o apito da boca. Nada mais! O Sr. Camarinha ouviu e fez chinfrim.

Alguns jogadores do Limianos foram excessivamente duros e prejudicaram o encontro, enquanto que os gillistas se esforçaram por não se cansar muito, com exclusão de Teixeira, João Vieira e Lopes que estiveram certos, o último dos quais a fazer um grande desafio.

Os golos surgiram naturalmente, o 2.º e o 4.º de grande efeito. Resultado certo, numa arbitragem péssima.

Futebol Juniores

BUSTELO, 2 — Gil Vicente, 0

Jogo em Oliveira de Azeméis, em que a nossa equipa perdeu por duas bolas a zero.

Oquei em Patins

Hoje, no Parque da Cidade, pelas 21,45 horas, realiza-se a 1.ª Jornada da Taça de Honra do Minho, organizada pela Associação de Patinagem de Braga, com o encontro Oquei Clube de Barcelos-Vitória Sport Clube de Barcelinhos.

Do Vitória Sport Clube de Barcelinhos recebemos uma amável carta em que nos é agradecida a colaboração dada ao prestimoso Clube de Além-Cávado. Igualmente nos comunicou que foi exarado um voto de agradecimento ao nosso Jornal.

Os nossos agradecimentos e a certeza de que tudo faremos para a elevação do desporto na Cidade.

Corpos Gerentes do V. S. C. de Barcelinhos para 1965.

ASSEMBLEIA GERAL: Presidente, António Manuel Sousa Ribeiro da Quinta; Vice-Presidente, Luis Rodrigo dos Anjos; 1.º Secretário, Adolfo Pimenta do Vale Santos; 2.º Secretário, João Baptista Rodrigues; 1.º Vogal, Armando Ferreira Nascimento e 2.º Vogal, Alfredo Lima da Fonseca Magalhães.

DIRECCAO: Presidente, José Luis Mano Gonçalves; Vice-Presidente, António Augusto da Silva Costa; 1.º Secretário, António Augusto Matos de Carvalho; 2.º Secretário, Arlindo da Costa Rodrigues; Tesoureiro, José Pimenta do Vale Santos; Tesoureiro Adjunto, Décio da Costa do Carmo; Vogais, Reinaldo da Silva Maciel; Manuel Joaquim Gomes de Faria e António José da Costa.

CONSELHO FISCAL: Presidente, José da Silva Duarte; Secretário, Manuel de Sousa Pinto e Relator, José Manuel Gonçalves de Castro.

COLUMBOFILIA

Amanhã, realiza-se o concurso de Albergaria dos Doze, na distância de 193 quilómetros, estando a solta prevista para as 8 e 30 horas.

O encastamento efectua-se hoje, na Sede da Sociedade Columbófila Barcelense, das 15 às 16 horas.



D. Albertina Ferreira de Macedo Faria Gayo

AGRADECIMENTO

Sua Família profundamente sensibilizada com as provas de amizade que recebeu aquando do falecimento da sua querida família, vem agradecer reconhecidamente a todos quantos prestaram finezas ou a acompanharam na sua dor, ou mesmo ainda aqueles que se incorporaram no funeral.

Barcelos, 20 de Março de 1965

A Família

Vende-se

Maquinismo duma Cerâmica

Em bom estado, vende-se vários maquinismo de fábrica cerâmica, como dois motores, empresas para telha, louças regionais, de louça para resina, uma feira para tijolos, etc.

Facilita-se o pagamento. Informa esta Redacção.

BASF PORTUGUESA, S.A.R.L.

Anilinas e Produtos Auxiliares
Produtos Químicos
Matérias Plásticas
Resinas Artificiais
Adubos NITROPHOSKA
Insecticidas, Fungicidas, Herbicidas

Representantes da

BADISCHE ANILIN- & SODA-FABRIK AG, LUDWIGSHAFEN AM RHEIN, REP. FEDERAL DA ALEMANHA



Via-Sacra à Franqueira

Todos os domingos até 11 de Abril, realiza-se a Via Sacra à Franqueira, verdadeira manifestação de fé que os fiéis de Barcelos e seu concelho querem que seja de sacrifício neste tempo quaresmal. E é sem dúvida um acto de fé aquele que o bom povo barcelense está a realizar com a subida ao sagrado Monte da Senhora da Franqueira. Tempo agreste tem flagelado a montanha, mas os peregrinos animados por um grande fervor, cantam as alegorias da quaresma, rezam o terço, prestam atenção ao que os reverendos padres proferem de exaltação a Maria e Seu Divino Filho.

No primeiro domingo incorporaram-se na Via Sacra, Barcelos, Vila F. S. Martinho, Vila Frescainha S. Pedro, Arcozelo e Tammel S. Veríssimo. Uma mole de gente subiu à Franqueira tanta gente que a capela da Senhora tornou-se pequenissima para a albergar.

No último domingo, 14 de Março, as freguesias de Carvalhal, Fornelos e Gilmonde foram prestar a sua colaboração na Via Sacra, mas não estiveram sós, centenas de pessoas de todas as localidades de Barcelos ali acorreram, mãos erguidas para o alto, mais próximas de Deus.

Amanhã é a vez de Milhazes, Faria, Paradela e Cristelo. Sabem, como todas as outras, corresponder à chamada e irão até ao cimo do monte orar fervorosamente.

D. Maria Ferreira dos Santos Lopes

Agradecimento e Missa do 30.º Dia

A família de D. Maria Ferreira dos Santos Lopes julgando ter já agradecido a todas as pessoas que se incorporaram no funeral ou apresentaram condolências, mas na hipótese de qualquer falta involuntária, vem mais uma vez agradecer a todas e participar que a Missa do 30.º dia será celebrada no próximo sábado dia 27, pelas 8,30 horas, no Templo do Senhor da Cruz.

Barcelos, 20 de Março de 1965

A Família

OBITUÁRIO

D. Alcinda Martins Fernandes

Em Grimancelos faleceu na penúltima quinta-feira a venerando Sr.ª D. Alcinda Martins Fernandes, viúva, de 63 anos, mãe extremosa do nosso prezado amigo Sr. Padre José Fernandes da Silva, ilustre pároco de Grimancelos, e das Sr.ªs Dr.ª D. Maria Fernandes da Silva e Dr.ª D. Ana Fernandes da Silva.

O funeral foi muitíssimo concorrido, incorporando-se muitos sacerdotes, colegas do Padre José Fernandes e realizou-se da igreja paroquial de Grimancelos para o Cemitério Paroquial de Pereira, freguesia da naturalidade da ilustre finada.

D. Dolores Ivars Rosselló Neiva

A Rua Gomes Freire faleceu a Sr.ª D. Dolores Ivars Rosselló Neiva, viúva, de 65 anos, mãe da Sr.ª D. Maria Alda Ivars Neiva e irmã do nosso estimado amigo, Sr. Henrique Ivars Rosselló.

O préstito efectuou-se na penúltima sexta-feira, para o Cemitério Municipal, com elevado número de pessoas a acompanhar a saudosa extinta.

D. Rosa da Silva Araújo

Na Freguesia de Rio Covo Santa Eugénia, faleceu a Sr.ª D. Rosa da Silva Araújo, viúva, mãe da Sr.ª D. Maria Ribello Araújo e D. Teresa de Araújo Lopes da Silva, casada com o nosso prezado amigo Sr. Francisco Lopes da Silva, industrial, desta cidade.

O féretro foi trasladado de sua casa para a igreja paroquial de Santa Eugénia e dali para o cemitério Municipal de Barcelos onde ficou depositado em jazigo de família.

D. Teresa Coelho da Costa

Faleceu no passado dia 14, na sua residência, a Sr.ª D. Teresa Coelho da Costa, esposa do nosso preclaro amigo e assinante Sr. Manuel Alves da Costa (Azevedo).

A extinta contava 65 anos de idade e era mãe das Sr.ªs D. Rosa Maria Gomes da Costa, D. Dolores Gomes da Costa e D. Maria da Paixão Coelho da Costa e sogra do Sr. Henrique Oliveira Martins, residente no Brasil.

O funeral da saudosa finada realizou-se na passada segunda-feira para o cemitério municipal, nele se incorporando dezenas de pessoas, de várias categorias sociais.

A todas as famílias e lutadas «O Barcelense» apresenta o seu cartão de muito pesar.

Datas Lutuosas

Dr. Domingos Figueiredo

No dia 28 de Fevereiro fez 3 anos que faleceu este nosso querido amigo, que foi douto Advogado na Comarca de Barcelos.

Relembramos a sua morte para que a sua memória não deixe de perdurar entre os barcelenses.

Comandante Joaquim Araújo

Relembrar a figura nobre do Comandante Joaquim Araújo é dever de justiça de «O Barcelense», pois foi um dos seus melhores e mais devotados amigos.

O tempo passa bem depressa e na quinta-feira, dia 25, fará 22 anos que a sua preciosa vida deixou de existir, dando lugar a um vazio que ainda não foi preenchido.

As nossas orações vão para este dedicado amigo que repousa junto de Deus.

Guarda-Livros

«GRUPO A, B e C e EMPRESAS»

Desenvolvidos conhecimentos; bastante experiência modernas técnicas contabilidade, organização, gestão orçamental e custos.

«ACBITA» ORIENTA escritas.

Resposta à administração por carta a.º n.º 15

MALHAS — RENDAS — MIUDEZAS

= Lotaria da CASA DA SORTE =

Casa Rodrigues

Rua Miguel Miranda, 23
BARCELINHOS

Um Estabelecimento novo para bem servir

Agente oficial da Companhia de Seguros Inglesa
LEGAL AND GENERAL

(Capital e Reservas: 600 milhões de libras)

Motos JAVA

Motorizadas:

HONDA
M. S. C.
FAMEL
VANGUARD

MOTOCICLO BARCELENSE

DE

José Augusto da Silva Alves

Rua Dr. Manuel Pais

Telefone 82560

BARCELOS

Motos, Motores,
Motorizadas e
Acessórios.

Moto-Serras
«PIONNER»
Rolamentos FAG

Os cilindros encamisados são marcados com o símbolo JASA sendo o seu resultado igual aos novos, e até por vezes superior, com a vantagem de poderem ser rectificadas.

Seu relógio é um objecto delicado...

Confiando-o sempre a relojoeiro experimentado e cuidadoso terá melhor funcionamento e mais anos de duração.

Jaime de Matos Araújo

(RELOJOEIRO DIPLOMADO)

Está às suas ordens e agradece a preferência

Largo D. António Barroso

(Junto à Ponte)

BARCELOS

Grande sortido de Relógios — Cronógrafos, Calendários, Eléctricos e Conta-quilómetros



A Pedra de Armas da Casa do Barão da Retorta

Heráldica — Nobiliarquia — História e Genealogia

Por ILÍDIO EURICO GOMES RAMOS

«A memória do saudoso e sempre chorado amigo, Cândido Sousa Cunha, a quem a parca traiçoeira tão cedo arrebatou ao convívio dos familiares e amigos, se dedica este modesto estudo sobre os seus antepassados.

Ao subirmos a calçada da Rua dos Duques de Barcelos, antiga das Velhas, em direcção ao Largo do Dr. José Novaes, nesta cidade, deparamos ao cimo da mesma, com o antigo palacete do Barão da Retorta. Apesar da sua modesta arquitectura, ostenta na sua frontaria voltada ao sul, uma muito interessante e até certo ponto curiosa pedra de armas, no género única em intra-muros, que lhe dá determinado aspecto senhorial e faz recordar passadas grandezas da nossa terra.

E sem dúvida alguma, uma peça heráldica de apreciado valor armorial, e muito bem trabalhada. O artista que a executou provou ser perito nesta arte escultural, tal foi o primor da obra que ali deixou gravada para a posteridade. Devia tratar-se de facto de um dos melhores canteiros portugueses que se dedicavam a esta difícil espécie de trabalhos, ao que me informam, pertencente à célebre e destacada geração dos canteiros das Neves, Vila de Punhe ou Barroselas.

Vejam pois, quais os símbolos heráldicos que ali se acham esculpidos, e os apelidos nela representados.

Num escudo de formato francês, fantasista, esquartelado, tem no primeiro quartel, em campo de ouro, nove cunhas de azul, dispostas em três colunas (de Cunchas), que julgamos ser o apelido principal desta família; no segundo, cinco vieiras ou conchas do mar com exadrezados de ouro, em campo vermelho empuquetado de preto (de Velhos); no terceiro, sub-dividido numa esquartelada vemos no 1.º e 4.º, em campo de ouro, uma águia de negro com as asas estendidas, e no 2.º e 3.º da mesma, em campo azul, cinco estrelas de seis pontas, de prata, e bordadura cozida de vermelho, carregada de oito espas de ouro (de Azevedos de S. João de Rei); no quarto quartel, em campo de ouro, seis bilhetes detidos, de vermelho, cada um carregado de um besante de prata (de Mellos).

Ao centro do escudo, num sobre-todo rectangular, em campo de prata, uma cruz florenciada e vazia, de vermelho, ao centro, tendo em orla oito escudetes com as quasas de Portugal (de Albergarias).

A circundar o escudo, oito florões de cada lado, com motivos vegetais, de fantasia, guarnecem o mesmo. São estas armas encimadas por um coroneo de nobreza (neste caso, de Barão), de prata, com um fio de pérolas que se enlaça no arco, ficando visíveis só três voltas, em banda e equidistantes. Não tem paquífe nem elmo e timbre, que a ter este último supomos que seria de Cunchas, apelidos a que se reporta o primeiro quartel.

Possui estas armas alguns esmaltes. Os esmaltes eram as cores adaptadas na armaria e que eram assentes a esmalte, tanto sobre as placas que os arautos traziam, como sobre as armas, mobília, cachos, tetos dos solares e baixelas usadas nos mesmos.

Na composição deste brasão predomina o ouro e a prata como metais principais, o primeiro dos quais significa riqueza, justiça, nobreza, fé, sabedoria, fidelidade, constância, poder e liberalidade; e o segundo representa beleza, amor, ingenuidade, lealdade e franqueza. Os esmaltes nele representados, e que também fazem parte da sua composição, significam: Vermelho — denção, valor e ânimo bélico (sangue derramado em defesa do reino). Azul — doçura, amenidade e bondade. Preto — luto, tristeza e fastio do mundo. Todos estes atributos possuíram os Senhores da Retorta, os quais são indicativos da nobilíssima estirpe de que provinham.

Como poderemos observar, nestas armas combinam-se admiravelmente a grande maioria dos quartéis a que uma família tem direito pela sua

linha de costados, à qual em boa heráldica nacional se dá o nome de *pendão genealógico*.

Os símbolos ou figuras representados num brasão são ilimitados e variadíssimos conforme o seu significado, segundo as mais diversas interpretações que lhe são dadas. Votos consagrações, feitos bélicos, aventuras, graças régias, serviços prestados à religião, à pátria e ao trono, tudo isto tem subsidiado a armaria e ilustração do brasão, perpetuando, pela alusão ou pela imagem, a origem histórica de uma estirpe, e o valor moral e material de um indivíduo.

Sobre o campo figurado de um brasão de armas, o generalista prático e experiente explica as convenções das imagens como o sábio egípcio lê e traduz, correntemente, os hieroglifos de um obelisco ou monumento importante. Numa palavra, a história de uma prosápia resume-se e condensa-se no seu brasão.

Falando do sobreposto ou sobre-todo, neste caso um rectângulo mas que também poderia ser um pequeno escudo que se encontra ao centro do aquartelado de alguns escudos de armas, convém esclarecer de que se trata de um escudo menor, com área igual a um cantão de escudo sobre que assenta.

Barão, é nome Grego, segundo alguns autores, e vale o mesmo que homem forte nos trabalhos, e segundo outros quer dizer, filho ou protegido dos Reis, porque quando estes premiavam a fidalguia com terras e jurisdições lhes chamavam Barões. Com este título honravam os Reis aqueles que lhe prestavam grandes serviços, assim na guerra como na paz, chegando por vezes a conceder-lhes algumas terras e fortalezas a que chamavam Baronias.

O titular desta casa, de que nos estamos a ocupar, teve o título de Barão da Retorta, cujo nome se filia na freguesia da Retorta, no concelho de Vila do Conde, de onde era natural, e da quinta, torre e paço a que pertencia os seus avoengos, cuja freguesia se situa a esmo em frente daquela formosa vila, na margem esquerda do Ave.

Ao fidalgo, Domingos Miguel da Cunha Velho de Azevedo Sottomayor de Mello e Albergaria foi concedido por sua Magestade a Senhora D. Maria II Rainha de Portugal, este título nobiliárquico em atenção ao acolhimento que nesta casa barcelense lhe foi dispensado a quando do incendio havido na Casa da Nogueira de Baixo, da nossa antiga vila, em 6 de Maio de 1852, em cujo solar a família real se encontrava hospedada, na ocasião em que visitaram o norte do país.

Contemos porém como o caso se deu: «Eram vésperas das tradicionais e afamadas Festas das Cruzes, e os barcelenses cansados dos folguedos com que quiseram festejar a visita notável de tão alta soberana do reino, já se haviam recolhido aos seus leitos para descansarem seus corpos folgassios, pois a noite já ia avançada e era mister recuperar energias perdidas, para no dia seguinte irem à presença da sua Rainha e Senhora. Seriam altas horas da madrugada daquele dia trágico, quando a vila se alvoroçou aos gritos e pedidos de socorro vindos da Rua da Nogueira, proximidades do Mercado. Tratava-se de um violento incendio no palacete onde repousava a família real e parte da sua comitiva, ao que parece e segundo noticiaram os cronistas coevos ao acontecimento, por imprevidência dos cocheiros reais que ao fumarem, inadvertidamente pegaram fogo às cavalariças da casa. No meio da gritaria e natural confusão dos primeiros momentos, alguns barcelenses dos mais afeitos e destemidos no perigo, imediatamente trataram de escalar o palacete, que pertencia à família Simões-Salazar (hoje dos Vassadas Salazares), onde se havia declarado tão pavoroso sinistro, com a nobre e alevantada intenção de salvar a sua Rainha, familiares e comitiva.

CONTINUA

Informação Cinematográfica

do Núcleo Escolar de S. José

Dirigida por: Américo Fernandes

1 — Filme a exhibir nos Bombeiros Voluntários de Barcelos, hoje pelas 21,30 horas e amanhã às 15,30 e 21,30 horas.

A Revolta das Gladiadores

Pais de origem — ITALIA;
DURAÇÃO — 85 minutos

Principais intérpretes:
GIANA MARIA CANALE, GEORGE MARCHAL, MARA CRUZ e ETTORE MANNI

Enredo — Um Comandante romano é enviado à América para apaziguar a região, pois os gladiadores tinham-se revoltado contra a rainha. Mercê da sua acção e justiça, aquele restabelece a paz.

Apreciação estética — Realização e interpretações regulares.

Apreciação moral — Sem inconvenientes de ordem moral. *Pode ser visto por todos.*

2 — Filme a exhibir nos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos, hoje pelas 21,30 horas e amanhã às 15,30 e 21,30 horas.

O Diabólico Dr. Mabuse

Pais de origem — FRANÇA
Género — POLICIAL
Duração — 103 minutos

Com: DAWN ADDAMS, PETER VAN EYCK FROBE

Enredo — A policia encontra-se a braços com crimes misteriosos de certas personalidades importantes. Um hotel é considerado pela policia como o quartel general dos bandidos. A policia monta um serviço de apertada vigilância e um dia os efeitos dessa vigilância traduzem-se na prisão de uma série de criminosos, entre eles um filho do famigerado Dr. Mabuse, inteligência criminosa e chefe do bando.

Apreciação estética — Realização aceitável. Interpretações boas. Filme emotivo de técnica regular. Boa música de fundo e fotografia regular.

Apreciação moral — Filme violento em que se assiste ao triunfo da justiça sobre o crime após as custumadas perseguições e ciladas. Película PARA ADULTOS.

Associação de Socorros Mútuos Barcelinense-Fúnebre e Familiar

Assembleia Geral Ordinária

Tenho a honra de convocar a *Assembleia Geral Ordinária* para as 10 horas do dia 21 de Março corrente, para reunião na sede associativa, com a ordem de dia seguinte:

Apreciação, Discussão e Aprovação das Contas da Administração do Ano findo.

Não comparecendo número legal de Sócios votantes, desde já convoco nova reunião, para a mesma hora e local, do dia 28 de Março corrente.

Barcelinhos e Secretaria da Associação de Socorros Mútuos Barcelinense-Fúnebre e Familiar 1 de Março de 1965.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

António Afonso Rego

Farmácia de Serviço

Amanhã, Domingo encontra-se de serviço permanente
A MINHA FARMÁCIA
Av. Combatentes da Grande Guerra

LIVROS E REVISTAS

«Sardinhas e Lua»

«Sardinhas e Lua» é uma obra que revela um autor, mas não um autor vulgar, um autor em que a sinceridade, a claridade e a profundidade do seu pensamento nos são transmitidas como numa íntima união entre autor e leitor.

Ao lermos os seus contos não ficamos apenas encantados com o estilo claro e a prosa fluente de Altino M. Tojal, sentimo-nos também presos numa mística admiração pela imaginação que criou estes personagens tão humanos e tão ternos.

Só uma alma jovem poderia compreender com tanta simpatia os problemas das horas tão queridas vividas na escola e na catequese.

Quem pode ler o seu conto «Palhaços» sem ser invadido por comoção perante o maior desejo dessa figura grotesca e cujo maior desejo é ir «para uma estrela sossegada sem pessoas a quem tenha de fazer rir» e encontrar de novo Amparo?

Quem não se sentirá possuído de ternura diante dessa figurinha de criança que junta dinheiro para comprar um regador novo com que, nos dias de calor possa refrescar «o outro» no alto do monte?

Antino M. Tojal transmite-nos plenamente o seu sentir, a sua maneira de analisar e viver os problemas numa faceta humana, plena de realismo mas temperada de um extraordinário bom-senso e comedimento. A naturalidade do seu realismo não fere e a fluência do seu estilo não confunde.

O autor não precisa de mergulhar em ambientes sórdidos e mesquinhos para fazer a sua obra apreciada e lida: a sua mensagem é demasiado grande para se baixar a isso, o seu ideal demasiado alto para assim ser profanado.

No mundo de hoje, onde o turbilhão das ideias desconexas e incoerentes invade tudo, as obras e os nomes, como os de Altino, merecem da sociedade um lugar especial pelo que representam de evolução dos espíritos e elevação das ideias.

É uma edição da Livraria Pax, de Braga.

M. G.

Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA — DIPLOMADA —

Partos, Injecções, Tratamentos

Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 172

Telef. 82485 BARCELOS

Máquina de Costura

Máquina de ponto aberto, Singer — Vende-se.

Impecável
Informa a Redacção

Vende-se Camião

Raio 30 Km.
Com licença feirante.
Informa esta Redacção.

Dinheiro

Dão-se 60 contos a juros, sob primeira hipoteca.

Informa esta Redacção.

MOTO

Vende-se uma moto, em estado de novo, marca «Sumo».

Informa esta Redacção.

Campo — Vende-se

No lugar da Reboreda, junto da Ponte do caminho de ferro, vende-se um bom campo com a área de 9.200 metros.

Informa a Redacção

Andar

1.º andar de Prédio Novo por 400\$00 na R. D. António Barros n.º 52. Falar na Drogeria da Praça — Barcelos.

MERCADO

Os preços médios dos produtos transaccionados na Feira Semanal foram:

Batatas, arroba	27\$00
Ovos, dúzia	10\$00
Feijão branco, arroba	66\$00
» moleiro.	48\$00
» branco manteigueiro	90\$00
» frade	50\$00
» mistura	38\$00
Frangos, par	70\$00
Galinhas, »	60\$00
Centeio,	34\$50
Milho branco	34\$50
» amarelo	35\$50

MÓVEIS TELES

MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
ELHOR SORTIDO

Todo o género de colchoaria, Maples e Sofás-camas, Divãs de ferro articulado e Mobiliário metálico.

Tapetes, Carpetes e Alcatifas.

TELEFONE 82453

CAMPO DA FEIRA BARCELOS

Papas, Rejoada e Lampreia

Todos os Domingos e Quintas-feiras

Restaurante «PÉROLA DA AVENIDA»

Telefone 82419

FRIGORÍFICOS — PHILIPS — FRIGORÍFICOS

Novos Modelos

Melhores condições de venda

Uma nova SÉRIE

PHILIPS 1965

Preços

+++

Baratos



Pois claro!

Compre HOJE Porque é mais

Barato!

Uma técnica Moderna

Uma marca de renome

CONSULTE O Agente oficial PHILIPS

Armando Faria Fernandes

Av. Combatentes da Grande Guerra — Telefone 82602

BARCELOS

PELO CONCELHO

ALVELOS

História da Igreja de Alvelos

No ano de 1870, o Rev.º Pároco desta freguesia, Sr. Padre Manuel António da Silva Sepulveda verificou que a igreja existente era pequena para a grande massa de fiéis e tomou a iniciativa de, em colaboração com os seus paroquianos e o Rev.º Padre Manuel José Gomes, do lugar da Carreira, da mesma freguesia, construir uma nova e ampla igreja, de arquitectura vistosa, com uma grande avenida e dar acesso à igreja, avenida com cerca de 200 metros de comprimento.

No dia 9 de Março de 1870, o mestre pedreiro José Joaquim da Cunha, da então vila de Barcelos, lan-

çou a primeira pedra, iniciando-se a construção da nova igreja.

Este mestre pedreiro arrematou a obra de pedreiro por 580.000 reis; contratou a torre do lado sul, até à altura da nova igreja por 150.000 reis; um acréscimo na igreja por 39.5000 reis e um aumento da cornija e arquitrava — frontespício, por 25.000 reis.

A obra de carpinteiro foi arrematada por 539.000 reis. Gastou-se em telha, ferragens, vidros e outras mudezas 286.745 reis.

A tribuna e o altar da capela mor foi construída pelo mestre José António das Almas, da freguesia de Galegos, do nosso concelho de Barcelos, por 200.000 reis. O mestre de Galegos contratou ainda a obra do altar de Nossa Senhora do Rosário, pelo preço de 60.000 reis e o seu douramento por 40.000 reis. Estas três realizações foram pagas pelo Sr. José Gomes Neto, desta freguesia.

O altar de Nossa Senhora das Dores executado pelo mestre Almas, foi pago pela confraria e importou um 60.000 reis.

Estas despesas somaram 1.978.245 reis, verba muito elevada para a época.

O Reverendo senhor Padre João Campelo, desta freguesia, ausente

de direito, para procurar resolver este problema, que, antecipadamente agradecemos. Oxalá que brevemente tivéssemos que reforçar estes agradecimentos.

Pereira da Silva

VILA COVA

A SANTA MISSÃO:

Como se tinha anunciado nas colunas deste Semanário, principiou na última segunda-feira, dia 15 a Santa Missão nesta freguesia.

Assim cerca das seis horas da tarde, podia-se admirar a nossa bela Igreja, compacta de fiéis que ali se reuniram com verdadeiro respeito, para assistir ao início das cerimónias que se iriam realizar para o princípio da Santa Missão.

Cerca das 6, 15 entravam solenemente na nossa Igreja dois Padres Redentoristas, acompanhados do Rev.º Pároco desta freguesia, e do Rev.º Sr. Cónego Miranda, Director Espiritual desta freguesia, enquanto todos os fiéis cantavam salmos apropriados.

Pouco depois de alguns momentos de recolhimento diante do S. Sacramento, subia ao altar, para pedir aos seus paroquianos a colaboração nos actos e conferências sobre a Santa Missão, o Rev.º Padre António Alves Moreno, virtuoso e incansável Pároco desta freguesia.

Depois das palavras proferidas, pelo nosso Rev.º Pároco, usou da palavra um Padre Missionário que agradeceu a forma simpática como todos assistiram à sua solene entrada, nesta grande Igreja que se tornava pequena para conter tantos fiéis. No fim de agradecer a todos os filhos desta terra, recitou devotamente, o Terço em honra de N.ª Senhora e para os bons frutos desta Santa Missão.

No final, subiu ao Púlpito um senhor Padre Missionário, que em solene conferência explicou a todos os cristãos ali presentes, o que significava a Santa Missão, pedindo ainda mais uma vez, a colaboração do bom povo desta freguesia, e antes de terminar a conferência, deu a bênção a todos os fiéis com um crucifixo que estaria presente em todas as conferências sobre a Santa Missão.

Accção de Graças a Nossa Senhora do Socorro, sendo o cantorim executado pela Música Barcelense e Filarmónica de Barcelos.

No dia 27 de Abril de 1872, celebrou-se na Nova Igreja o primeiro baptismo, e a criança recebeu o nome de Delfina, que foi, encontrada à porta da rua, por António Gomes de Sousa, e foram padrinhos o referido António Gomes de Sousa e sua mulher Delfina Rosa, desta freguesia.

No dia 30 de Abril de 1872, celebraram-se exéquias fúnebres pela primeira vez na Nova Igreja, por alma de Baltazar José Pais de Faria, falecido no lugar da Presa; deixou viuva Ana Rosa e foi sepultado na igreja de Alvelos.

No dia 10 de Agosto de 1872, celebrou-se o primeiro casamento entre Domingos Rodrigues Gomes, de 31 anos, viuvo filho de José Rodrigues Alves e de Margarida Teresa, era natural de Vila Frescaimã S. Martinho, com Ermelinda Margarida de Sousa, de 39 anos natural de Barcelinhos, filha de João Lourenço da Silva Ferreira e de Ana Margarida de Sousa Azevedo Ataíde.

No dia 12 de Setembro de 1874, comprou-se um sino novo, que pesava 34 arrobas e 17 arratéis, elevando-se toda a despesa com este a 396.066 reis.

Continua J. A. B.

gou a primeira pedra, iniciando-se a construção da nova igreja.

Este mestre pedreiro arrematou a obra de pedreiro por 580.000 reis; contratou a torre do lado sul, até à altura da nova igreja por 150.000 reis; um acréscimo na igreja por 39.5000 reis e um aumento da cornija e arquitrava — frontespício, por 25.000 reis.

A obra de carpinteiro foi arrematada por 539.000 reis. Gastou-se em telha, ferragens, vidros e outras mudezas 286.745 reis.

A tribuna e o altar da capela mor foi construída pelo mestre José António das Almas, da freguesia de Galegos, do nosso concelho de Barcelos, por 200.000 reis. O mestre de Galegos contratou ainda a obra do altar de Nossa Senhora do Rosário, pelo preço de 60.000 reis e o seu douramento por 40.000 reis. Estas três realizações foram pagas pelo Sr. José Gomes Neto, desta freguesia.

O altar de Nossa Senhora das Dores executado pelo mestre Almas, foi pago pela confraria e importou um 60.000 reis.

Estas despesas somaram 1.978.245 reis, verba muito elevada para a época.

O Reverendo senhor Padre João Campelo, desta freguesia, ausente

de direito, para procurar resolver este problema, que, antecipadamente agradecemos. Oxalá que brevemente tivéssemos que reforçar estes agradecimentos.

Pereira da Silva

VILA COVA

A SANTA MISSÃO:

Como se tinha anunciado nas colunas deste Semanário, principiou na última segunda-feira, dia 15 a Santa Missão nesta freguesia.

Assim cerca das seis horas da tarde, podia-se admirar a nossa bela Igreja, compacta de fiéis que ali se reuniram com verdadeiro respeito, para assistir ao início das cerimónias que se iriam realizar para o princípio da Santa Missão.

Cerca das 6, 15 entravam solenemente na nossa Igreja dois Padres Redentoristas, acompanhados do Rev.º Pároco desta freguesia, e do Rev.º Sr. Cónego Miranda, Director Espiritual desta freguesia, enquanto todos os fiéis cantavam salmos apropriados.

Pouco depois de alguns momentos de recolhimento diante do S. Sacramento, subia ao altar, para pedir aos seus paroquianos a colaboração nos actos e conferências sobre a Santa Missão, o Rev.º Padre António Alves Moreno, virtuoso e incansável Pároco desta freguesia.

Depois das palavras proferidas, pelo nosso Rev.º Pároco, usou da palavra um Padre Missionário que agradeceu a forma simpática como todos assistiram à sua solene entrada, nesta grande Igreja que se tornava pequena para conter tantos fiéis. No fim de agradecer a todos os filhos desta terra, recitou devotamente, o Terço em honra de N.ª Senhora e para os bons frutos desta Santa Missão.

No final, subiu ao Púlpito um senhor Padre Missionário, que em solene conferência explicou a todos os cristãos ali presentes, o que significava a Santa Missão, pedindo ainda mais uma vez, a colaboração do bom povo desta freguesia, e antes de terminar a conferência, deu a bênção a todos os fiéis com um crucifixo que estaria presente em todas as conferências sobre a Santa Missão.

gou a primeira pedra, iniciando-se a construção da nova igreja.

Este mestre pedreiro arrematou a obra de pedreiro por 580.000 reis; contratou a torre do lado sul, até à altura da nova igreja por 150.000 reis; um acréscimo na igreja por 39.5000 reis e um aumento da cornija e arquitrava — frontespício, por 25.000 reis.

A obra de carpinteiro foi arrematada por 539.000 reis. Gastou-se em telha, ferragens, vidros e outras mudezas 286.745 reis.

A tribuna e o altar da capela mor foi construída pelo mestre José António das Almas, da freguesia de Galegos, do nosso concelho de Barcelos, por 200.000 reis. O mestre de Galegos contratou ainda a obra do altar de Nossa Senhora do Rosário, pelo preço de 60.000 reis e o seu douramento por 40.000 reis. Estas três realizações foram pagas pelo Sr. José Gomes Neto, desta freguesia.

O altar de Nossa Senhora das Dores executado pelo mestre Almas, foi pago pela confraria e importou um 60.000 reis.

ganhe dinheiro cultivando

MILHOS HÍBRIDOS CUF



MILHO HÍBRIDO CUF BEM CULTIVADO É RENDIMENTO ASSEGURADO



- * Escolha entre as variedades CUF a mais indicada
- * Adube a sementeira com FOSKAMÓNIO ou FOSFONITRO
- * Aplique em cobertura, à sacha UREA
- * Faça os amanhos culturais, regas e tratamentos fitossanitários necessários

Forgunete

Mercedes-Benz, a Gasoil, impeccable.

Vende: CORREIA & CARDOSO. Telefone, 82442 — Barcelos

Pouco depois da Conferência, dava a Bênção do S. Sacramento o nosso Rev.º Pároco, a todos os fiéis ali presentes.

E de esperar que todos os filhos desta terra saibam compreender que a Santa Missão é para todos nós e que nenhuma família fique alheia a esta obra de Redenção para todos.

Falecimento — Foi com grande surpresa que recebemos a triste notícia do falecimento do Sr. Manuel do Vale Rosendo, ocorrido no dia 27 do mês findo.

O extinto que contava 72 anos de idade era marido da Sr.ª Justina de Sá Cachada, pai muito querido dos Srs. João e Firmino Cachada do Vale Rosendo, e de Georgina de Sá Cachada.

A sua urna foi transportada num pronto socorro dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, da sua residência para a Igreja Paroquial, e após missa e o ofício, foi depositado em jazigo de Família.

O seu funeral foi muitíssimo concorrido.

A família em luto apresentamos sentidos pésamos.

REGRESSO A ESTA FREGUESIA

Regressou a esta freguesia, vindo da Província da Guiné, o nosso illustre amigo, Sr. David da Costa Alves.

Este nosso amigo que desempenhou as funções de Polícia da Base Aérea, é filho do Sr. Joaquim Bernardino Alves e da Sr. Amélia Gonçalves da Costa, grandes proprietários nesta freguesia.

Ao nosso amigo Costa Alves desejamos-lhe muitas felicidades e grandes prosperidades junto de nós.

DESPEDIDA:

Despedindo-se de nós, seguiu para a África do Sul o nosso amigo Sr. Manuel Novais Lopes.

Este nosso amigo, que foi trabalhar para junto de seus irmãos, é filho do saudoso Sr. Domingos Lopes da Silva e da Sr.ª Urbana Fernandes Novais.

Seguiram também para a França os Srs. José de Matos Lopes e António Fernandes Pereira, desta freguesia.

A todos estes que deixaram as suas famílias e seguiram viagem desejamos-lhe muitas felicidades e prosperidades.

NOVOS ASSINANTES

É com justificado orgulho que esta freguesia tem dado valiosa colaboração de assinantes para «O Barcelense» o que muito nos apraz registar, pois assim poderemos contar com um jornal sempre cada vez melhor.

A estes que tiveram a gentileza de se juntar para a grande Família de «O Barcelense» os nossos agradecimentos.

T. N. ALVES

Automóveis de aluguer sem condutor devidamente legalizados para o País e estrangeiro Simca 1000—Volkswagen e outras marcas

NECO

Rua Costa Cabral, n.º 14 a 18 — PORTO
Telefones — 42995 e 45459

MÁQUINAS DE COSTURA SUPREMA

VOLGA CISNE

À venda na CASA DOS RÁDIOS de

ARMINDO SILVA

(Ao lado do Senhor da Cruz)

Telefones 82708

Agente oficial no Concelho de Barcelos

Cooperativa Eléctrica do Vale d'Este

S. C. A. R. L.

LOURO—FAMALICÃO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com o Art.º 6.º e seu parágrafo 3.º dos Estatutos, tenho a honra de convidar os Senhores Accionistas para a reunião da ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA desta Cooperativa Eléctrica do Vale d'Este — SCARL, a realizar no dia 28 de Março, do corrente, pelas 16 horas, na Sede desta Sociedade, no Louro, com a seguinte:

ORDEM DO DIA:

1.º — Apresentação, discussão e votação do Relatório e Contas, referentes ao exercício de 1964;

2.º — Eleições da Mesa da Assembleia Geral e dos Conselhos de Administração e Fiscal, aquele para servir o triénio 1965/1967, em conformidade com o § 3.º do Art.º 6.º dos Estatutos.

No caso desta Assembleia Geral Ordinária não poder funcionar por falta de número legal de Sócios fica, desde já, convocada nova reunião para o dia 18 de Abril p.º f.º, às 16 horas, de harmonia com o § 1.º do Art.º 6.º dos Estatutos, com a mesma Ordem do Dia.

Louro, 19 de Março de 1965.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL:

a) Dr. Joaquim Furtado Martins (Advogado)

Pensamentos de Verdade

(Continuação da pág. 1)

compilador em cena de vivos cantares regionais e danças populares, que é o Dr. Pedro Homem de Melo.

Não há muito dizia este ilustre português num dos seus belíssimos programas televisados, depois de ter apresentado danças e cantares doutras várias terras lusitanas: «E por fim Barcelos com sua «Vareira»... «BARCELOS! TERRA DE ENCAN-TOS... E DE TAL BEM-ESTAR AMBIENCIAL QUE SE ME FOSSE DADO PODER ESCOLHER UMA TERRA PARA VIVER E MORRER... EU ESCOLHERIA BARCELOS!»...

Com agrado transcrevo estas palavras proferidas aos quatro ventos da lusitanidade por homem daquele quilate luziada!

Ainda bem que neste momento me vieram ao bico da pena, para as poder comunicar a tantos barcelenses, que delas se devem sentir orgulhosos. Que esse nobre orgulho seja em todos nós criador daquele timbre de glória apontado, a bem da terra que tais elogios merece num recorte poético com o doce sabor duma Eneida virgiliana, com aromas de campestre rosmarinho.

Mas continuando em concretas apreciações: Foi-me agradável ouvir que as autoridades planeiam a construção de diversos edifícios públicos, deveras muito necessários no meio barcelense, como a escola técnica, o palácio da Justiça etc.

Ainda constava que a Mesa da Santa Casa projecta um moderno pavilhão hospitalar regional, que é evidente ser também de urgentíssima necessidade. E há-os tão belos e arrojados por aí fora, como aliás outros melhoramentos de envergadura!

Ouvi falar do projecto de nova ponte em linhas modernas e espaciais, talvez a remedear a da «Arábida», para cómoda travessia sobre o Cávado, e ela já tarda há muito. A estreiteza da nossa velha ponte românica e o seu acanhado desembocar, especialmente do lado de Barcelinhos com aquela curva fechada e magra, não se toleram em nossos dias de frenesi motorizado, de corrias, frequentemente sem jeito, e em multidão se não em avalanche.

Em horas de cavaco à mesa dos modestos cafés da terra, entre muita crítica a parados problemas num dormir sonhador que não acorda enérgico para a realidade em acção, também se dizia projectar-se a construção dum novo mercado cidadão; de facto, o actual, já centenário, precisa de passar à reforma ou à história.

Como só de projectos se não vive, cabe perguntar quando será que estes e outros risonhos planos serão realidade concreta na vida da cidade.

Por Barcelos com audácia e persistente devoção... Todos a cumprir... uma causa que de todos é.

Virgílio Augusto

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da pág. 1)

sard deu novas possibilidades, à vivenda isolada da sociedade industrial...

Deixemos em paz o etnólogo-sociólogo, que dirá da promiscuidade das cavernas ou das altas-tendas dos povos pastores; da casa familiar e decente das sociedades cristianizadas e das famílias estáveis de herdeiro associado, quando se desfez a família patriarcal; da Casa Grande ou Casa Longa das Sociedades poligâmicas ou poliândricas topadas mundo fora; ou do prédio de andares para várias famílias do século XIX, em oposição à casa individualizada...

Que nos interessa que o geógrafo disserte sobre materiais de construção e as particularidades que implicam, quanto a forma, dimensões, resistência, adaptação ao solo e ao clima?...

O que é positivo é que, em qualquer parte do mundo, e em qualquer tempo histórico, a casa foi — e é — um refúgio que o homem procurou para se abrigar das intempéries, dos excessos do tempo, e para repousar com segurança.

Construída com materiais, ou, mais tarde, nos tempos de hoje, com materiais de construção industrializados (cimento, vigas de ferro, cortiças, etc.), sofreu diversas influências culturais, mais ou menos funcionais ou decorativas — mas condicionadas por um factor importante: a pecúria.

No entanto, a velha casa, no fundo a casa medieval, suja e maltratada, progressivamente imprópria para a habitação, mal arejada e, até, mal cheirosa, por falta de esgotos; húmida, por deficiência de drenagem de águas, mal iluminada e escura, sem comodidades, na sua divisão desconhecadora de critérios racionais de funcionamento, onde se alojavam as pessoas ia cedendo o passo a novas construções.

A habitação moderna tornou-se mais funcional — e mais exigua. A higiene interveio, o conforto cooperou e tem mais ar, mais luz natural — e artificial, os esgotos escoam-se que é uma beleza, abundam instalações sanitárias, da pia à banheira... mas, tudo isso custa caro...

O Estado não pode construir para quantos precisam. O simples facto de construir suscitou, imediatamente, um invejoso sentimento de justiça: — Porquê àquela e porque não a mim?

As autarquias, essas, então, entra-

ram na mania contrutiva, a ritmo acelerado e iniciaram a política da compra ou expropriação de terrenos a baixo preço, para os venderem a alto custo para construção, construção essa cada vez mais cara.

A iniciativa particular, construindo para rendimento, embora possa ter beneficiado do estímulo de isenções de impostos, teve — e tem — de pagar tudo, desde o trabalho do Arquitecto até ao mais ínfimo material de construção — que, de graça, nada se consegue...

Tendo de recuperar o dinheiro dispendido tem de alugar caro...

No entanto... a pecúria não é elástica.

O preço da construção, tanto estadual, autárquica, corporativa, quanto particular, faz elevar o custo das rendas da casa.

Essas casas renovadas, de modo geral, albergam a antiga população cidadina, ou vilã, que, ainda, se vai deslocando pela necessidade de alugar escritórios, oficinas, lojas, garagens, que dantes não havia.

Mas, essa população aumenta, o que suscita novo agravamento do problema, porque em dado momento, a população aumentada quer casa... com todos os confortos.

Novo agravo se dá com o chamado fenómeno urbanístico, ou seja, a consequência cidadina da fuga ou absentismo dos campos: grandes massas rurais vêm viver para as cidades, transferindo, para as autarquias, as dificuldades de que libertam as suas terras...

Outro aspecto, ainda, a considerar é que quase toda a gente deseja ter casa própria.

Todo o homem tem direito à habitação. Mas, esse direito, hoje, transforma-se na reivindicação da sua casa, própria, em vez de se conformar com a política da casa alugada...

De modo que, à medida que aumentam os agregados populacionais, as comunidades — e se poderia pensar numa solução colectiva — os sentimentos individualizam-se orientados para a posse de casa própria.

Como a pecúria ganha pelo trabalho, por via de regra, não permite a compra de casa — deseja-se a casa à custa do Estado.

Deste Estado à custa do qual só aparentemente, é que se vive: porque o que se vive, é à custa dos outros...

Tal é o problema.

Falcão Machado

Daquela Janela...

(Continuação da página 1)

que, de outras eras, andava disperso, não se mantinha no nível que era merecedor. Mas, felizmente, os cuidados dos falecidos Srs. Drs. Alfredo Magalhães, então Ministro da Instrução; Dr. Miguel Fonseca, Presidente da Câmara, e do Major Mancelos Sampaio, — dedicação a Barcelos que ainda não teve o devido reconhecimento — esses esforços, escreviamos, provam que, apesar da ingratitude, ainda vale a pena as canseiras e muito esforço ao Serviço de Barcelos. O Museu encontra-se, agora, devidamente limpo, as «coisas» em ordem e, sem esforço, se verifica que os serviços da nossa Eрма. Câmara procuraram caminho de aperfeiçoamento.

Polícia S. Pública

Ninguém ignora a luta com que se debate o Posto da P. S. P. de Barcelos, com um quadro de pessoal insuficiente para as necessidades da cidade e do concelho e, por isso, não concordamos com as apreciações feitas ao serviço policial que devia estar em tal parte e também em B. e C. Mas, o facto principal de não se poder atenuar as deficiências provem, somente, de que o número de guardas não chega, sequer, para o serviço de «rotina» e, por vezes, sacrificam-se muitas horas de «folga» para que o serviço não sofra mais «tratos de polé», como é uso dizer-se. De facto, com o reduzido número de polícias, é impossível colmatar todas as brechas. A área da cidade é já grande e apesar de todas as deficiências temos de concordar que devemos à P. S. P. inestimáveis serviços prestados, principalmente nos dias de mercado semanal que, sem a sua presença, seria desenfreada a avalanche das regateiras.

Estamos esperançados que, na nova reforma, o posto da P. S. P. de Barcelos será apetrechada de maneira a satisfazer as necessidades da cidade e do seu concelho. Para já, — foi o posto dotado de um carro patrulha que, não sendo medida para resolver todas as situações, beneficiará, no entanto, pela rapidez na sua presença no local onde for necessária a P. S. P.

Trânsito

A nossa terra deve ser aquela onde o trânsito de pessoas e veículos — é o mais anacrónico e, assim, demonstramos um completo «alheamento quando se desce à cidade». Torna-se urgente que as autoridades venham ao encontro das necessidades da época, disciplinando o trânsito de pessoas e veículos, para que não sintam complexos — os peões e os condutores — aquando se deslocarem a terras onde a disciplina no trânsito não é palavra vã. As corporações da D. G. T. T.; a G. N. R. e a P. S. P. podem encetar uma tarefa de encaminhar, disciplinadamente, o público a saber «andar na rua». Todos lucraremos.

Festas das Cruzes

Foi empossada a Comissão Executiva das nossas tradicionais Festas. Mais uma vez — e sempre será assim — Barcelos vai reviver as Festas das Cruzes e a nossa terra será visitada por muitos forasteiros. Daqui apelamos para todos os que vivem nesta Princesa... Rainda ou Dona do Cávado colaborem no sentido de que a nossa cidade se apresente, nessa época, mais garrida, mais sedutora «mais linda do que é» contribuindo-se, assim, para uma melhor propaganda que será, sempre, compensadora, no futuro. Não devemos deixar que a Câmara possa fazer tudo porque, a cada um dos Barcelenses, corresponde, também, uma cota parte de responsabilidade no êxito que, todos nós, desejamos para as Festas das Cruzes. Vamos, todos, trabalhar para que a nossa terra marque, mais uma vez, o seu imensurável baírrismo. E, acreditem, que daremos uma grande ajuda... ajudando.

Pesca Desportiva

O nosso rio continua votado ao abandono para a prática da «pesca desportiva». O que seria de muita necessidade para qualquer C. M. T. — o «repevoamento» —, o rio Cávado, que serve maravilhosamente para «cartaz», encontra-se desprovido de propaganda e sempre «rio que vai para o mar» porque, não merece a atenção de se dispensar alguns momentos de reflexão sobre o que de útil seria para a propaganda de Barcelos. Mas a pesca desportiva não tem o alcance, para Barcelos, como tantas C. M. T. manifestam na realização de grandes competições internacionais.

R. N.

Banco Pinto & Sotto Mayor

Deste importante estabelecimento bancário recebemos uma amável carta em que nos são agradecidas as referências que fizemos sobre o Relatório e Contas do mesmo Banco.

CESAR CARDOSO
ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 BARCELOS

«Um Esclarecimento»

Serviços Médico-Sociais

(Continuação da página 1)

mento, porque até a imprensa já tinha noticiado a construção desse novo edifício, esclarecimento suficiente para quem quer que fosse a não ser que estivesse em mente atingir fins ocultos, torna-se necessário fazer luz sobre algumas afirmações que podem induzir em erro quanto à pessoa ou pessoas a quem se fica a dever aquilo que chama «mais uma realidade visível e palpável».

Se a conhecida modestia do Sr. Dr. Queirós impediu que citasse o seu nome como principal obreiro, vê-se claramente por alguns passos que desempenhou papel de relevo: — «... eu quero esclarecer V. Ex. informando quanto se tem trabalhado aqui e além... Desde a sua organização — e já lá vão 17 anos que nos foi feita promessa da instalação do Posto em edifício novo e adequado».

Tudo parece, portanto, indicar que o Sr. Dr. Queirós vem pedindo esse benefício e só agora o «Dr. Joaquim de Andrade» lhe concedeu a «primazia». E segundo o Sr. Dr. Queirós não só fica a dever ao Ex. Delegado «a primazia» mas também o ter «suportado amavelmente muitos trabalhos e canseiras para AJUDAR A VENCER as dificuldades que pareciam insuperáveis.» Que mistério existiria para que se fale em dificuldades que pareciam insuperáveis? Não haverá fantasia?

Informaram-nos que o Sr. Dr. Queirós tinha algumas pretensões insatisfeitas junto daqueles Serviços. Falaram-nos de algumas já antigas e doutras mais recentes, como trabalhar apenas 3 dias por semana, mas nada ouvimos quanto ao seu interesse no novo edifício. Sucede até que o Ex. Delegado nas diligências que para o efeito efectuou

nesta cidade, era acompanhado pelo Chefe do Posto, Sr. Domingos Beleza Moreira, homem cumpridor, digno, honrado, respeitado, estimado por todos os beneficiários, homem para quem os Serviços representam algo mais do que a chegada do fim do mês e não um qualquer manda-chuva, preguiçoso, descortez funcionário, um desorganizador de serviços, etc.

A construção do edifício para os Serviços resume-se no seguinte: desde há muito que havia por parte dos Serviços Médico-Sociais a instrução de dotar os seus Serviços em Barcelos com edifício próprio. Por isso mesmo é que foi adquirido terreno na Rua Cândido Cunha. O surto de desenvolvimento industrial que este concelho experimentou nestes últimos anos aumentou consideravelmente o número de beneficiários, o que consequentemente levou à admissão de mais pessoal médico e de enfermagem. Foi também criada uma especialidade que não foi pedida pelo Dr. Queirós, contrariamente ao que no seu «esclarecimento» afirma. Tudo isto conduziu à precária situação em que funcionam os Serviços deste Posto. TAMBÉM QUANTO A INSTALAÇÕES.

Este facto não podia ter passado e não passou ignorado das inspecções que continuamente vêm ao Posto e que, logicamente, o exararam nos seus relatórios. Devidamente esclarecidos, o Ex. Delegado e a Ex. Direcção, de comum acordo, deliberaram dotar os Serviços Médico-Sociais de Barcelos de edifício condigno, facto com que todos nos regozijamos, mas nada ficamos a dever ao Sr. Dr. Queirós.

Assim estaria melhor aquele «esclarecimento».

ITE MISSA EST

(Continuação da página 1)

dos os dias repetido, todos os dias recomegado, presente para nós e em nós. «E para uma execução capital que somos convidados, na Missa. E para a sua comemoração, tanto mais estranha, quase louca, quanto a vítima quiz morrer e não é culpada de nada.»

«Mas este drama não tem sentido, a não ser que a massa inteira dos filhos de Deus a ele se associe e suba para a luz».

«A Missa é o nosso drama, o drama de todos. E é como um membro, o mais obscuro, o mais indigno desta humanidade sobre que Cristo chorou, mas que redimiu com o seu sangue, unidos todos na Fé e na Esperança que assistiremos à Missa, curvados pelo Amor, com a alma cheia da expectativa do Perdão». «Daniel Rops».

É ainda a recordação deixada da Última Ceia. Essa Última Ceia, tão tristemente assinalada pela vil traição de um, e pela certeza da triplíce negação do outro, esses que andaram com Ele, que foram os seus discípulos mais queridos, os mais próximos, os mais amigos, os escolhidos... A Última Ceia que antecedeu a entrega, a solidão do Horto; e o abandono de quase todos...

«Tomai e comei; fazei isto em memória de mim».

O perdão para esses e para os outros; para todos nós. O amor infinito dum Deus posto à prova num homem...

Já uma vez Ele tivera comiserção pela fome daquela porque aquela multidão imensa o seguira, sequiosa das suas palavras, sem pensar em comer... Foi então que se multiplicaram os pães, como se multiplicam as espécies na eucaristia através dos tempos. Miraculosamente. Misericordiosamente. «Comungar é assim participar da Última Ceia. Tomar parte num banquete espiritual para que não haja fome... Toda a missa será incompleta sem a «manducação do Cordeiro». «A carne divina está pregada na cruz (pão). O sangue divino foi derramado (vinho). Enfim, como Cristo quis, recebemos, comungamos — no banquete da vida somos alimentados». Mas comungar é mais que receber: é unir-se a Deus. E como é que um Deus vem unir-se a nós, miseras criaturas da terra?

Silêncio. Eis o mistério. Eis a hora suprema da doação recíproca... Corpus Christi, tal como se dizia outrora, no tempo da Igreja antiga de Santo Agostinho. Nestas duas palavras, não é toda a nossa esperança que se exprime, toda a nossa fé, todo o nosso amor? «Vós estais em mim; eu estou em Vós. Tudo é mistério. A minha alma cala-se, e o meu espírito adora, prostrado. Não há gratidão humana que corresponda a este dom que está tão longe, para além do humano.» (Rops).

Depois da comunhão, a missa acaba quase imediatamente. A acção de graças é dada por cada alma, no recolhimento e no silêncio. «Que dizer-vos, Senhor? Nada. Apenas que sejas mais eu, do que eu próprio».

Cada um vai regressar à vida. A vida difícil e dura, a vida quotidiana dos homens. Trabalhar e repousar; ter alegrias e tristezas; paixões, fraquezas e misérias; mas também momentos altos do espírito... Viver entre os bons e os maus; entre heróis e cobardes; entre cépticos e fanáticos; entre os que choram e os que riem; entre os que blasfemam e os que aceitam; entre os que sofrem injustiças e os que as praticam... Há que caminhar curvado ao peso do sofrimento e da luta, ou então erguer-se bem lícido sobre as brumas da terra e procurar na Fé a exaltação do espírito: o encontro connosso, com os outros homens e com Deus!

Ite Missa est. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

«Senhor, que a nossa vida seja cheia de Fé, animada pelo Amor; exaltada pela Esperança; exercida na Caridade. Que suportemos, com um coração igualmente firme, e felicidade e a prova. Que em nós, à volta de nós, tudo seja Graça. Que cada hora do tempo que nos resta para viver, seja como que uma Missa prolongada.» (Rops).

D. Josefa Sanches Samper

Teve o seu aniversário na última Sexta-feira a Sr.^a D. Josefa Sanches Samper, dedicada esposa do nosso preclaro amigo Sr. Magin Guinart Sanches.

A aniversariante e seus familiares os nossos parabéns.